

A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NA OBRA AMADIANA TERRAS DO SEM FIM E CACAU

Irenio Santos Nascimento Júnior (Pós-Crítica/UNEB)

Orientadora: Profa. Dra. Suely Aldir Messeder

Resumo: Neste projeto de pesquisa pretende-se compreender como nasceu no pesquisador a vontade de desvelar a construção das masculinidades. Pretendemos demonstrar com as leituras das obras *Um Oswald de Bolso* (OSMAR, 2010) e *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (DELEUZE; GUATARRI, 1995) deram um impulso significativo na construção da idéia de valorização dos objetos marginais e de como o passo seguinte, a escolha da obra a ser estudada, trouxe novas perspectivas a serem analisadas com o aprofundamento do mesmo. Ao se ler, ainda que superficialmente, trechos de *Masculinities: Knowledge, power and social change* (CONNELL, 1995) e *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo* (DELEUZE, 2006) nas aulas do mestrado em crítica cultural a visão se amplia fazendo emergir assim o desejo rizomático no pesquisador, desejo esse capaz de desvelar as mais singelas práticas de dominação e violência ainda presentes em corpos e em suas performatividades.

Palavras-chave: Crítica cultural. Ato performativo. Corpo. Gênero. Violência simbólica.

INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa nasceu, a priori, em desvendar as vielas pelas quais o poder se efetivava nas relações entre homens e mulheres. Meu fascínio por esse tema começou após a leitura da obra “Que corpo é esse? O Corpo no imaginário feminino.”, de Elódia Xavier, leitura essa feita na disciplina Literatura, Cultura e Modo de Produção ministrada pela professora doutora Fátima Berenice no ano de 2013. Esta obra faz uma análise da representação dos corpos auxiliando no entendimento das práticas sociais que os rodeiam estabelecendo categorias a partir de seu olhar foucaultiano.

Trata-se de uma abordagem instigante, por meio da qual promove-se a articulação entre a teoria de – vieses filosófico, sociológico e psicanalítico – e a literatura brasileira, especialmente 23 narrativas de autoria feminina, dispostas em 13 capítulos que configuram filigranas de espetacular análise interdisciplinar. Ao longo das páginas, acompanha-se um diálogo profícuo com a teoria feminista, que desassocia o corpo da mulher de sua capacidade biológica de reprodução da espécie, garantindo assim a visibilidade do corpo feminino em sua plenitude. Além disso, Elódia Xavier toma como guia para sua análise a tipologia sociológica do corpo, de autoria de Arthur Frank.¹

Foram a partir das leituras de algumas narrativas contidas nesse livro que surgiu um questionamento que me instigava: Por que esse poder se constituía como algo natural nas relações entre os sexos? Busquei orientações e encontrei guarida e auxílio através das vozes das professoras doutoras Fátima Berenice e Suely Messeder que me solicitaram pesquisa em temas como virilidade, dominação, relações de poder e submissão. Durante a investigação encontrei dois autores fundamentais para a minha pesquisa: Pierre Bourdieu e Judith Butler. A professora mestra Ana

¹ CAVALCANTE, A. *Corpos à vista*. Rev. Estud. Fem. v. 15. n. 3. Florianópolis. 2007.

Gabriela Pio, na pesquisa em busca de um referencial teórico que fundamentasse a minha tese, me indicou o livro Oswald de Bolso do professor Osmar Moreira e que me detivesse, especialmente, nas oficinas contidas no capítulo “Tecnologias do signo e devir revolucionário nas pessoas”. Era preciso compreender, inicialmente, as relações entre sujeitos, signos e linguagem e, confesso que, me debruçar sobre os escritos me causaram positivas impressões e impactantes noções sobre como se consolida a vida real. A noção de que consumimos signos e somos consumidos por eles deu início a uma verdadeira revolução visceral na forma como enxergava a vida.

Todo sujeito acontece na linguagem e com a linguagem. Acontecer na linguagem, enquanto sujeito, é se dar conta de que consumimos signos enquanto comemos [...], enquanto ouvimos [...], olhamos (o fetichismo burguês formata a realidade de um jeito, a possibilidade libertária, fundada no valor de uso e na socialização da riqueza, implica objetividades novas e outros mundos inaugurais) cheiramos (em vez de crack e cocaína, frutas caindo do pé e nas lembranças luminosas) e tocamos às coisas. Os signos que consumimos podem nos consumir ou serem re-elaborados e constituírem a performance de cada um enquanto criadores e/ou reprodutores de realidades².

Compreender que a palavra poderia ser utilizada como máquina de guerra capaz de mutilar corpos e, ao mesmo tempo, formatar outros sujeitos devoradores de signos agenciados com o intuito de promover o constante consumo era relativamente novo e causava novos olhares sobre os velhos fronts da vida.

A palavra não nasce grudada na coisa que representa, uma coisa representada pode, além da palavra, ser recoberta de outros signos, embora haja sempre uma comunidade semântica que encena um imperativo da fala e impõe uma transcendência do significado, uma multiplicidade de agências (a escola, a igreja, o estado, o partido, o dicionário, etc.,) que eleger e dissemina sujeitos de enunciação (pastores, políticos, professores, dicionaristas, etc.,) e uma lógica que impõe um modo de pensar e que pode cercear sujeitos consumidores de signos, além de bloquear-lhes sua potência de pensar e de perguntar³.

Em seguida, detive-me na explicação que uma das forças da crítica cultural é justamente reverter à lógica capitalista, dar voz aos silenciados e questionar o que é elevado ao cânone, à hegemonia.

A crítica cultural só faz sentido se investe contra essa lógica capitalista, implode permanentemente essa noção de cultura que se quer hegemônica, e emerge em cada trabalhador, em cada sujeito anônimo, em cada tribo, em cada coletivo, em cada comunidade, em cada nação, como caixa de ferramentas que permita a cada um, ou em coletividade, a redefinição de uma cultura alternativa e como máquina de guerra⁴.

² SANTOS, 2010, p. 122.

³ Ibid, 2010, p. 123.

⁴ Ibid, 2010, p. 130.

Comecei a compreender, por essas breves leituras, que me posicionar como um sujeito crítico cultural necessitaria de mim uma desconstrução hercúlea. Seria implodir verdades, posicionamentos e crenças que haviam me constituído como sujeito ativo no mundo social. Precisaria aceitar outras verdades, outros prismas, outros pontos de vista que, certamente, iriam rasgar a minha pele, me fariam sangrar, enxamear minhas vestes para, logo a seguir, ressurgir um outro que estava invisível, inaudível mas que também era voz, sopro e vida.

Ler as oficinas contidas no livro Oswald de Bolso me fizeram refletir sobre o posicionamento que deveria me constituir como um pesquisador do Mestrado em crítica cultural. Em consonância com as pesquisas que vinha fazendo a respeito do meu objeto de pesquisa, poder e dominação, outras noções filosóficas foram proporcionadas a nós, agora alunos regulares do mestrado, pelo professor Osmar Moreira na disciplina Metodologia da pesquisa em crítica cultural. Entre os vários e tantos emblemáticos temas me atenho a refletir em dois deles que mais me chamaram a atenção e que, certamente, deslocaram meu olhar: Rizoma, Deleuze e Guatarri e “Em que se pode reconhecer o estruturalismo”, Deleuze.

A noção de rizoma, tal como é visto por Deleuze e Guatarri, nasce da vontade do “algo novo”, da tentativa de se fugir da lógica binária, dualista da vista, imposta como verdade incontestável. É a construção do pensamento e de sua ação através do múltiplo. Para isso eles lançam esta teoria das multiplicidades tendo como primeiro conceito o rizoma.

Deleuze e Guattari “roubam” esta definição da botânica para aplicá-la à filosofia. Do mesmo modo que Descartes afirma que a filosofia seria uma árvore “a raiz a metafísica, o caule a física e a copa e os frutos a ética”, Deleuze subverte esta ideia para transformá-la em um rizoma. Não devemos mais acreditar em árvores, nem em seus prometidos frutos. Queremos um pouco de terra... já é tempo. O rizoma é um modelo de resistência ético-estético-político, trata-se de linhas e não de formas. Por isso o rizoma pode fugir, se esconder, confundir, sabotar, cortar caminho. Não que existam caminhos certos, talvez o correto seja o mais intenso (e não o caminho do meio). As linhas de fuga são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. Não é uma forma fechada, não há ligação definitiva. São linhas de intensidade, apenas linhas de intensidade⁵.

Para entendermos melhor o conceito de rizoma vamos elencar algumas de suas características.

⁵ TRINDADE, 2013.

1 PRINCÍPIOS DE CONEXÃO E HETEROGENEIDADE

Qualquer ponto de rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.⁶ O rizoma não finca marcas nem estruturas. O que há, na verdade, são linhas e trajetos de variados sentidos e significados sem necessariamente um reporta-se a outro.

Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos: não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais. Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade linguística homogênea. A língua é, segundo uma fórmula de Weinreich, "uma realidade essencialmente heterogênea"⁷

Uma análise rizomática buscaria analisar "a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência." (DELEUZE; GUATARRI, 2004, p. 15).

2 PRINCÍPIO DE MULTIPLICIDADE

É somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. (DELEUZE; GUATARRI, 2004, p. 16). Seria dessa forma que a multiplicidade se definiria: pelas linhas de fora, que compõe o rizoma, pois ela se constituiria de determinações, grandezas e dimensões sem que se mude de natureza. Deleuze e Guatarri colocam como exemplo da ideia de multiplicidade a observação de uma marionete, os fios e o manipulador: os fios seriam as multiplicidades, as próprias cordas que informa, notifica e veicula uma parte à outra.

3 PRINCÍPIO DE RUPTURA A-SIGNIFICANTE

Um rizoma pode ser despedaçado, espatifado, partido em qualquer lugar, mas também ele readquire e reocupa uma de suas linhas ou sob outras linhas. Isso significa que todas as vezes que acontecem fraturas ou rompimentos as linhas segmentares irrompem em linhas de fuga sendo que estas também são parte do rizoma.

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas

⁶ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. p. 14.

⁷ Ibid, p. 15

compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras⁸.

Considero, particularmente, essa característica uma das mais importantes para se compreender as qualidades de um rizoma. Apesar das rupturas provocadas em qualquer parte de um rizoma, outras linhas surgem, vão de encontro as que já existem e aquelas que continuam nascendo, buscando territórios, organizações, significados e atribuições. Então, um novo sujeito se constitui com suas novas formas de poder em multiplicidades.

Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito — tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas⁹.

4 PRINCÍPIO DE CARTOGRAFIA E DE DECALCOMANIA

O rizoma é mapa e não decalque. O mapa é a oposição ao decalque por viver da experimentação do real. Em sua atividade, o mapa acaba construindo elementos no/do inconsciente contribuindo para a conexão de campos, pontes para corpos sem órgãos. O mapa pode ser reagrupado, montado de qualquer forma sobre qualquer estrutura e ainda assim cria acoplamentos, ininterrupções. Um mapa tem sempre múltiplas entradas enquanto que o decalque é sempre presumível, porta única.

Diferente é o rizoma, mapa e não decalque. Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma¹⁰.

O conceito de rizoma nos ofertou a ferramenta que precisávamos para começarmos a demolir as formas, nomeações, restrições e todo tipo de coação exercida em nós, sujeitos subalternos que começávamos a emergir da sombra da ignorância para a iluminação das janelas que captam luzes pois a porta é um decalque que não mais queremos.

Outro ponto fundamental para o meu entendimento do que é ser um crítico cultural foram às ponderações que fizemos do artigo de Deleuze intitulado “Em que se pode reconhecer o estruturalismo”. Neste artigo, Deleuze dissecou a forma pela qual se constitui um esquema estrutural

⁸ Ibid, p. 17.

⁹ Ibid, p. 17.

¹⁰ Ibid, p. 21.

de base epistemológica, fundamentando seus argumentos em diversos autores com a finalidade de comprovar o contexto estruturalista vigente. Entre os alicerces e eixos estruturantes dessa corrente de pensamento das ciências humanas estão o simbólico, o local ou de posição, o diferencial e o singular, o diferenciador e a diferenciação, o serial e a casa vazia.

O primeiro alicerce é a constatação de uma terceira ordem, a do simbólico. Somos condicionados a mantermos um certo jogo dialético de pensamento: bem e mal, real e imaginário. O simbólico é basicamente o fruto dessas relações.

Já possuíamos muitos pais, em psicanálise: em primeiro lugar, um pai real, mas também imagens de pai. E todos os nossos dramas passavam-se nas tensas relações do real e do imaginário. Jacques Lacan descobre um terceiro pai, mais fundamental, pai simbólico ou Nome-do-pai. Não somente o real e o imaginário, mas suas relações, e as perturbações dessas relações, devem ser pensadas como o limite de um processo no qual eles se constituem a partir do simbólico¹¹.

O segundo sustentáculo está associado com o local ou de posição, num espaço tão somente estrutural. Em suma, os locais num espaço puramente estrutural são primeiros relativamente às coisas e aos seres reais que vêm ocupá-los; primeiros também em relação aos papéis e aos acontecimentos sempre um pouco imaginários que aparecem necessariamente quando são ocupados. (DELEUZE, 2006, p. 3).

O terceiro critério, a diferenciação e o singular, expõem que os elementos se determinam respectivamente nas diferenças. É justamente esse processo que concede dividir as singularidades proporcionais ou similares aos valores das relações diferenciais.

O quarto critério é a diferenciação. Deleuze vai nos informar que todos os elementos, relações, peculiaridades, coexistem de forma harmônica e determinada na estrutura. Dessa forma, a estrutura é diferencial em si mesma e nos seus efeitos.

O que é que coexiste na estrutura? Todos os elementos, as relações e valores de relações, todas as singularidades próprias ao domínio considerado. Semelhante coexistência não implica confusão alguma, nenhuma indeterminação: são relações e elementos diferenciais que coexistem num todo perfeita e completamente determinado. Acontece que esse todo não se atualiza como tal. O que se atualiza, aqui e agora, são tais relações, tais valores de relações, tal repartição de singularidades; outras se atualizam alhures ou em outros momentos¹².

O quinto parâmetro é o serial. Uma estrutura somente desperta e vivifica ao lhe restituir a sua outra metade, elementos simbólicos fruto de suas relações diferenciais organizados em série. Portanto, eles são referentes a uma outra série, embasada e alicerçada por outros elementos

¹¹ DELEUZE, 2006, p. 2.

¹² Ibid, p. 5.

simbólicos e outras relações. Assim, a organização das séries que constituem uma estrutura exigem avaliações e interpretações precisas.

É evidente que a organização das séries constitutivas de uma estrutura supõe uma verdadeira encenação, e exige em cada caso avaliações e interpretações precisas. Não há absolutamente regra geral; tocamos aqui num ponto em que o estruturalismo implica ora uma verdadeira criação, ora uma iniciativa e uma descoberta que não deixam de apresentar riscos. A determinação de uma estrutura não se faz somente por uma escolha dos elementos simbólicos de base e das relações diferenciais em que eles entram; também não se faz somente por uma repartição dos pontos singulares que lhes correspondem; mas ainda pela constituição de uma segunda série, ao menos, que mantém relações complexas com a primeira¹³.

O sexto fundamento, casa vazia, faz referência ao sujeito e a sua prática. O sujeito é o campo que segue o lugar vazio. O Estruturalismo não é, nessa concepção, um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, fato de individuações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais. (DELEUZE, 2006, p. 11).

Após a apresentação de alguns desses autores que fazem parte do mestrado em crítica cultural minha perspectiva sobre o meu objeto de pesquisa tomou rumos díspares. A priori, gostaria de estudar como a dominação de gênero estava inscrita nos corpos, corporificada e assegurada pela sociedade como uma prática “natural e milenar”, fundamento basilar que explicaria a diferenciação das práticas entre homens e mulheres. Não percebia que o meu olhar ainda permanecia estrutural e colonizador já que ele permanecia objetivado apenas no estudo de sexo (concepção binária da vida, fechada) e não de gênero (rizomático, aberto). O descentramento somente foi possível no momento da apresentação do título da minha pesquisa, “A dominação masculina na narrativa Cacau e Terras do sem fim de Jorge Amado”, e, posteriormente, “A representação do corpo dominante na narrativa Cacau e Terras do sem fim de Jorge Amado”. Com a ajuda do professor Osmar Moreira, professor da disciplina metodologia em crítica cultural, resolvi rever os títulos provisórios pois eles não condiziam com a expectativa do meu desejo. Dessa forma, o título até o presente momento definido é: A construção das masculinidades na obra amadiana Terras do sem fim e Cacau.

A masculinidade é simultaneamente uma posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais homens e mulheres se colocam nesta posição e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura¹⁴.

¹³ Ibid, p. 8.

¹⁴ CONNELL, 1995.

Pretendo assegurar com a pesquisa que não existe um padrão fixo de masculinidade a todo instante. Como as culturas variam entre si, os padrões de masculinidade acompanham também essa mudança. É possível deduzir que há diferentes construções da masculinidade em diversos cenários da classe social, diferentes etnias e regiões.

Desta forma, não há “o corpo”, mas corpos no plural e na diversidade, cada um deles com uma trajetória no transcurso do tempo. Através das práticas corporais-reflexivas, eles são tratados pelo processo social e desenhados na história, transformando-se em símbolos, signos e posições no discurso, sem cessar de serem corpos, pois a sua materialidade não está apagada, ela continua importando. As práticas corporal-reflexivas formam e é cultivada por estruturas que têm um peso e uma solidez histórica, constituindo um mundo titular de uma dimensão corporal, biologicamente condicionada, já que os corpos não são meios neutros de prática social. Sua materialidade importa: eles farão certas coisas e outras não. Desempenham papel substantivo no agenciamento social, gerando e talhando trajetórias da conduta no trabalho, no sexo e no esporte¹⁵.

O corpo é vulnerável à linguagem, no sentido de que a linguagem, sendo performativa, atua, produz e fabrica esse corpo¹⁶. Assim, o corpo é produto e resultado, alimentado e intimidado pela linguagem. O corpo, efeito do ato de fala e do seu ritual, encontra um lugar epistemológico (através do ato de fala, o corpo torna-se inteligível), um lugar ontológico (o corpo torna-se regulável) e um lugar político (o corpo torna-se passível de legitimação e normatização). Os atos de fala limitam os contornos dos corpos, suas articulações possíveis, suas ações possíveis. A imposição arbitrária num ritual iterável tem como efeito a fixidez e a inevitabilidade¹⁷. Assim, o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser¹⁸.

E para integrar a nossa pesquisa, compreenderemos como os atos performativos masculinizados marginalizados e subalternizados repetem e expressam as pautas enredadas por gênero/sexo, classe e raça/etnia. Os agentes sociais, no curso de seus atos, atuam conforme estas normas ou pautas que nós, investigadores, também agentes sociais, buscamos apreender para compor o discurso científico¹⁹.

¹⁵ CONNELL, 1995, passim.

¹⁶ PINTO, 2013.

¹⁷ Ibid, 2013.

¹⁸ BUTLER, 2008, passim.

¹⁹ MESSEDER, 2011, passim.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAVALCANTE, A. Corpos à vista. *Rev. Estud. Fem.* v. 15. n. 3. Florianópolis, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arwwwtext&pid=S0104026X2007000300018. Acessado em: 28 de julho de 2014.

CONNELL, R. W. *Masculinities: Knowledge, power and social change*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995.

DELEUZE, Gilles. “Em que se pode reconhecer o Estruturalismo”, In: *A ilha deserta e outros textos*. 2 reimp. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

MESSEDER, S. Navegando em busca do giro na heterossexualidade compulsória: a construção teórico-metodológica dos atos performativos masculinizados. In: Cosme Batista dos Santos; Paulo César Garcia; Roberto Seidel. (Org.). *Crítica cultural e educação básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo: Edunesp, 2011, p. 313-325.

PINTO, Joana Plaza. Performatividade. *Revista Cult*, Nov 2013. p. 35-37. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/11/o-percurso-da-performatividade/>. Acessado em: 18 de julho 2014.

SANTOS, O. M. *Um Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. 1. ed. Salvador: Quarteto, 2010.

TRINDADE, Rafael. *Deleuze: Rizoma*. Disponível em: <http://arazaoinadequada.wordpress.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>. Acessado em: 28 de agosto de 2014.

